

Artigo original

Conhecimento das mulheres que participam dos grupos virtuais hospedados no *Facebook* sobre o aleitamento materno*

Knowledge about breastfeeding among women who participate in virtual groups hosted on Facebook

Conocimiento de las mujeres que participan en grupos virtuales alojados en Facebook sobre la lactancia materna

Melissa Hartmann^I , Juliane Portella Ribeiro^{II} 

^I Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

^{II} Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

*Extraído do Trabalho de Conclusão de Curso “Grupos virtuais no *Facebook*: conhecimentos, experiências, propagandas e campanhas que envolvem a temática de aleitamento”, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

Resumo

Objetivo: identificar o conhecimento das mulheres que participam de grupos virtuais hospedados no *Facebook* sobre o aleitamento materno. **Método:** pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, realizada no período de setembro a novembro de 2020, com 15 mulheres que participam de grupos inscritos no *Facebook* que abordam a temática aleitamento materno. Os dados foram coletados por meio do Google *Forms* e, posteriormente, submetidos à análise de conteúdo. **Resultados:** as participantes demonstraram conhecimento sobre os benefícios do aleitamento materno, a pega e o posicionamento correto ao seio. Elas compreendem o conceito de aleitamento materno exclusivo e livre demanda. O discurso recorrente como motivador para participação dos grupos virtuais baseia-se na busca de conhecimento. **Conclusão:** a educação em saúde tem sua importância reafirmada pelas participantes ao apontarem que as informações sobre o aleitamento materno foram obtidas predominantemente por meio dos serviços de saúde e estratégias, como curso/grupo de gestantes.

Descritores: Aleitamento Materno; Leite Humano; Redes Sociais Online; Serviços de Saúde Materno-Infantil; Enfermagem

Abstract

Objective: to identify the knowledge about breastfeeding of women who participate in virtual groups hosted on Facebook. **Method:** qualitative research, with an exploratory and descriptive nature, conducted from September to November 2020, with 15 women who participate in groups registered on Facebook that address the theme of breastfeeding. Data were collected using Google Forms and, subsequently, submitted to content analysis. **Results:** the participants demonstrated knowledge about the benefits of breastfeeding, latching and the correct positioning at the breast. They understand the concept of exclusive breastfeeding and free

demand. The recurrent speech as a motivator for participating in the virtual groups is based on the search for knowledge. **Conclusion:** health education has its importance reaffirmed by the participants when they pointed out that the information on breastfeeding was predominantly obtained through health services and strategies, such as courses/pregnant women's groups.

Descriptors: Breast Feeding; Milk, Human; Online Social Networking; Maternal-Child Health Services; Nursing

Resumen

Objetivo: identificar los conocimientos de las mujeres que participan en grupos virtuales alojados en Facebook sobre la lactancia materna. **Método:** investigación cualitativa de naturaleza exploratoria y descriptiva, realizada en el período de septiembre a noviembre de 2020, con 15 mujeres que participan en grupos inscritos en Facebook que abordan el tema de la lactancia materna. Los datos se recopilaron mediante Google Forms y, posteriormente, se sometieron a un análisis de contenido. **Resultados:** las participantes demostraron conocimiento sobre los beneficios de la lactancia materna, la captura y la posición correcta del pecho. Comprenden el concepto de lactancia materna exclusiva y la libre demanda. El discurso recurrente como motivador de la participación en los grupos virtuales se basa en la búsqueda del conocimiento. **Conclusión:** la educación en salud tiene su importancia reafirmada por las participantes cuando admiten que las informaciones sobre la lactancia materna fueron obtenidas predominantemente por medio de los servicios de salud y estrategias, como curso/grupo de embarazadas.

Descriptoros: Lactancia Materna; Leche Humana; Redes Sociales en Línea; Servicios de Salud Materno-Infantil; Enfermería

Introdução

As redes sociais são espaços de interação e colaboração entre pessoas que compartilham interesses e experiências semelhantes, formando grupos com objetivos comuns.¹ Esses grupos podem ser encontrados nas diversas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Blogs* e *WhatsApp*, organizados como públicos ou privados, de direção única ou compartilhada.²⁻³

Os grupos que tratam da temática materno-infantil, especificamente do aleitamento materno, são constituídos por diversos profissionais da saúde: enfermeiros, médicos, nutricionistas e fonoaudiólogas. Também, há participação expressiva de mulheres que vivenciam ou vivenciaram a experiência materna e que buscam divulgar informações científicas e promover os benefícios da amamentação e a autonomia das mães.²

Estudo realizado em um grupo privado da rede social *Facebook* buscou desvelar as contribuições da inserção de uma comunidade virtual na rede social de apoio ao aleitamento materno exclusivo de mulheres após a alta hospitalar. Essa pesquisa apontou que o grupo se constituiu em um instrumento de promoção de diálogo e interação entre as participantes, ampliando, assim, as relações e aproximando as que possuíam vivências similares. Além

disso, uma das principais colaborações do espaço virtual foi a oferta de orientações adequadas. O gerenciamento do grupo por profissionais de saúde agregou credibilidade e confiança acerca das informações compartilhadas.⁴

Pesquisadores apontam o potencial de grupos virtuais, como instrumento educativo, de transformar e empoderar as mulheres, uma vez que nesses espaços há promoção à amamentação, compartilhamento de informações e auxílio em momentos de dúvida e de conflito. A partir das ações educativas, o suporte do grupo virtual constituiu um instrumento facilitador das relações interpessoais, de troca de experiência e de aprendizagem coletiva.⁵

Complementando o exposto, pesquisa realizada em Florianópolis, Santa Catarina (SC), que avaliou as orientações recebidas por gestantes durante o pré-natal na atenção básica de saúde, evidenciou a procura de informações nos grupos virtuais, principalmente pela fragilidade das orientações recebidas durante o pré-natal. Assim, expondo a influência das redes sociais na sociedade e a sua representatividade como ferramenta de busca por informações, podendo incidir no apoio ao aleitamento materno, sobretudo na promoção da amamentação.⁶

Uma revisão crítica da literatura científica, que sintetizou as buscas realizadas sobre o aleitamento materno na internet, mostrou que o ingresso das gestantes e puérperas em grupos virtuais está relacionado à procura por pertencimento e identificação. Ademais, os grupos virtuais permitem a troca de experiências entre as participantes, proporcionando o empoderamento da mulher na temática, principalmente em grupos mediados por profissionais da saúde, que disponibilizam conteúdos verídicos em consonância com os veiculados pelo Ministério da Saúde (MS) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS).²

Por essa razão, as redes sociais virtuais podem ser consideradas um ponto importante a ser explorado pelos profissionais da saúde - os quais estão aptos e mais bem preparados - para apresentar informações que permitam a consolidação do aleitamento materno e práticas assistenciais humanizadas.³⁻⁴ No entanto, há uma lacuna no conhecimento em relação a pesquisas que investiguem as redes sociais virtuais como estratégias de apoio ao aleitamento materno, o que torna imperativa a promoção de estudos nesse cenário.⁴ O presente estudo tem por objetivo identificar o conhecimento das mulheres que participam dos grupos virtuais hospedados no *Facebook* sobre o aleitamento materno.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida na rede social virtual *Facebook*. Participaram do estudo 15 mulheres, selecionadas de acordo com os seguintes critérios de inclusão: ter idade superior a 18 anos; e realizado postagem em um grupo virtual da rede social *Facebook* que aborde o tema aleitamento materno. Excluíram-se mulheres que se caracterizavam como administradoras dos grupos. Dessa forma, obteve-se uma amostragem por conveniência, tipo de amostra não probabilística que utiliza a aproximação com um grupo específico para suceder a pesquisa e que esteja imediatamente disponível.⁷

A coleta de dados ocorreu durante os meses de setembro a novembro de 2020, totalizando 60 dias, sendo operacionalizada em duas etapas. Na primeira etapa, identificaram-se grupos nacionais, que poderiam ser públicos ou privados, que abordassem a temática de aleitamento, com maior número de postagens nos últimos 30 dias.

Selecionaram-se dois grupos que se caracterizam por serem nacionais e privados, que juntos totalizaram 40 publicações nos últimos 30 dias. Depois de concedida participação nos referidos grupos, a pesquisadora procedeu à segunda etapa da pesquisa, identificando as potenciais participantes da pesquisa, de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos.

A partir da identificação das potenciais participantes, a pesquisadora principal, por meio de sua conta pessoal, disparou mensagens no bate-papo da própria plataforma, enviando um convite e um *link* para participação na pesquisa a 47 mulheres. Acessaram o *link* e participaram da pesquisa 15 mulheres, possibilitando a obtenção e a saturação dos dados, ou seja, quando as informações se repetem e não acrescentam elementos que sejam relevantes à pesquisa.⁸

Como instrumento de coleta de dados se utilizou uma ferramenta disponibilizada pelo Google *Drive*, especificamente o aplicativo Google *Forms*, no qual foi desenvolvido um formulário com 20 questões, sendo 12 questões fechadas que exploravam o perfil sociodemográfico e 9 abertas que investigavam: O que você sabe sobre aleitamento materno? O que você sabe sobre aleitamento exclusivo? O que você sabe sobre a técnica de amamentação (posicionamento e pega)? O que você sabe sobre a oferta de leite materno em livre demanda? De que forma você obteve esse conhecimento? Quais os motivos que levaram você a participar de grupos virtuais no *Facebook* que falem sobre aleitamento

materno? O que você acha das fórmulas infantis? Se você é gestante, pretende amamentar seu filho? Por quê?

Posteriormente, os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo, seguindo as seguintes etapas: pré-análise; exploração do material; classificação por categorias que auxiliam na interpretação das informações acessadas e inferência. Na pré-análise, realizou-se a leitura flutuante do material coletado, elaborando hipóteses e obedecendo aos objetivos do estudo. Na exploração do material, delimitaram-se as categorias que foram utilizadas na análise, conforme codificações e recorte dos registros. Por fim, foram agrupadas e assimiladas as categorias semelhantes e diferentes, que subsidiaram a interpretação dos dados.⁹

Às participantes do estudo foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por meio do aplicativo Google *Forms*, ficando disponibilizado na primeira página. A pesquisa teve seguimento somente após o aceite das mesmas. Não houve nenhuma negativa ao TCLE. Manteve-se o anonimato das mulheres por meio do código M e número de questionário.

Este estudo respeitou a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que trata sobre a pesquisa envolvendo seres humanos. O mesmo obteve aprovação pelo parecer Nº 4.239.450 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética Nº 35995320.1.0000.5316, em 26 de agosto de 2020.

Resultados

Participaram da pesquisa 15 mulheres, com idade entre 18 e 35 anos. Destas, 10 (66,7%) possuem filhos entre 2 meses e 10 anos de idade, quatro (26,7%) estão na primeira gestação e uma (6,7%) mulher não tem filhos. A maioria com ensino médio completo (n=9; 60%), autodeclarou-se branca (n=11; 73,3%) e casada (n=10; 66,7%). Cinco (33,3%) possuíam atividade remunerada com carteira assinada, conforme Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), e cinco (33,3%) eram autônomas (n=10; 66,6%).

As participantes revelaram que o conhecimento acerca do aleitamento materno foi obtido por meio de diversas fontes de informação concomitantemente, tais como serviços de saúde (n=11; 73,3%), curso ou grupo de gestantes (n=7; 46,7%), família (n=6; 40%), amigas (n=3; 20%), grupos virtuais (n=3; 20%) e pesquisas na internet (n=3; 20%). As mulheres gestantes

sinalizaram que pretendem amamentar, mesmo as que já tiveram experiência anterior negativa, com dor, cansaço, pega incorreta, mamilo invertido e baixa produção de leite.

No início doloroso, mas foi a melhor sensação ver minha pequena mamando e crescendo só com o leite materno. (M4)

Não conforme esperado, pois não tive muito leite. Amamentei pouco tempo, dois meses. (M9)

No início é sofrido, agora está tudo bem. Amamentei muito pouco porque os meus mamilos são invertidos. Na hora de tirar o leite via estrelas de tão dolorido que estavam os seios. (M12)

Não é algo fácil, pois muitas vezes você se sente cansada e exausta. Mas, a recompensa vem quando você vê seu filho com uma boa saúde e possuindo uma boa imunidade. (M14)

O principal motivo que sustenta a pretensão de amamentar são os benefícios do aleitamento materno para o bebê e a mãe, tais como a formação de vínculo, a capacidade do leite materno de suprir as necessidades nutricionais até os seis meses de vida, promover a imunidade e a saúde da criança, o sentimento de conforto e satisfação materna.

É saudável, bom para a imunidade dele. (M8)

O leite da mãe é completo. Acho de extrema importância à amamentação tanto para mãe quanto para o bebê, sabendo que o leite materno possui tudo que o bebê necessita. (M5)

Através do aleitamento há a troca de carinho e também tenho um bebê mais saudável e resistente. (M9)

É algo importante para o desenvolvimento do bebê, pois o leite materno contém todos os nutrientes necessários para o seu desenvolvimento. (M14)

Aleitamento materno é fundamental para os bebês, principalmente que ele crie um vínculo entre mãe e bebê. (M1)

As participantes desta pesquisa, ao serem questionadas acerca do aleitamento materno exclusivo (AME), expressaram ter conhecimento, apontando o leite materno como única fonte de nutrição para crianças até seis meses de idade, sem necessidade de introdução de água ou outros alimentos ou fórmula láctea. Além disso, indicam o AME como prático, em alusão ao fato de que o mesmo não necessita de mamadeira, aquecimento ou higiene de dispositivos.

Sei que o bebê não precisa de mais nada além do leite, que o nutre até os seis meses. (M7)

Sei que o leite é perfeito para a criança e muda de acordo o desenvolvimento do bebê, portanto ele é suficiente para sustentar a criança até 6 meses de vida, inclusive não se faz necessário nem mesmo dar água para o bebê. (M4)

O leite materno tem por si só todos nutrientes que o bebê precisa e não só isso, é carinho, amor, aconchego, proteção e o momento mãe e bebê. (M6)

É mais prático. (M11)

Quanto a livre demanda, as participantes do estudo demonstraram conhecimento

conceitual ao explicitar que se refere à oferta de leite materno quando o bebê solicitar ou estiver demonstrando sinais de fome, sem limitações quanto ao número de mamadas:

Ofertar o leite materno quando o bebê solicitar, não é necessário cuidar intervalos das mamadas. (M13)

Para mim livre demanda é dar sempre que o bebê pedir, somente isso, eu dou sem horários marcados. (M7)

Que o bebê pode mamar quantas vezes quiser por quanto tempo quiser. (M8)

Todas as vezes que o bebê quiser mamar, a mamãe oferece o peito. Sem restrições. (M15)

Também, indicaram conhecer a relação existente entre a livre demanda e a produção de leite materno de acordo com as necessidades do bebê.

Que é bom para o bebê, assim o peito produz leite suficiente para mantê-lo saudável. (M4)

Quanto mais bebê mama, mais leite se produz. (M1)

O leite é produzido à medida que o bebê demanda por ele. A mãe é uma fábrica, então, enquanto o bebê quiser, ele pode continuar a mamar. A livre demanda estimula a produção de mais leite. (M3)

Quanto à técnica de amamentação, as mulheres indicaram conhecimento em relação à pega e ao posicionamento correto, como também os benefícios provenientes de uma realização adequada. As participantes apontaram que para um posicionamento correto se faz necessário aproximar o bebê ao seio materno, de maneira que a barriga dele encontre a barriga da mãe. Ele deve abocanhar toda a aréola, com os lábios fletidos para fora, seu queixo deve tocar o seio e o nariz permanecer livre. Além disso, as mulheres descrevem que o posicionamento e a pega encontram-se corretos quando a criança não realiza estalos com a boca, a aréola fica pouco exposta e a mãe não sente dor.

Barriguinha do bebê precisa estar encostada na barriga da mãe. A cabeça da criança deve estar acomodada no antebraço. A boca da criança deve abocanhar toda a auréola da mama. (M1)

O bebê tem que estar de barriga com barriga com a mãe, não pode só pegar o bico, a pega correta é pegar o mamilo todo e o queixo sempre encostado no peito e sempre observar para ele não encostar o nariz e se asfixiar. (M6)

O peito deve ser pego com a mão em "C" e oferecido ao bebê, que deve ficar com o lábio viradinho para fora e não deve fazer barulho, a mãe também não pode sentir dor. (M8)

O bebê deve abocanhar praticamente toda aréola, tipo boquinha de peixe. (M13)

Como consequência do posicionamento e da pega adequados, as participantes expuseram como benefícios ausência ou diminuição de flatulências e dores abdominais no

bebê, aumento na produção do leite materno e evitar fissuras mamárias e dor.

Que ela é indispensável, a pega certa evita fissuras no peito, gases no bebê, aumenta a produção de leite, entre outros. (M4)

Aprendi que a posição certa, a mais comum de barriga com barriga, ajuda a evitar as cólicas depois de mamar. (M7)

Sobre as técnicas sei que tem várias para o bebê fazer a mamada da melhor maneira e também para a mãe não sofrer tanto. (M5)

Houve participantes que mencionaram dificuldades no início da amamentação, suscitando maior esclarecimento sobre o assunto, de forma a romper com a naturalização de práticas inadequadas que culminam no sofrimento das mulheres e que são sustentadas por mitos como “amamentar é um processo natural e inato à mulher e ao bebê”:

Tive dificuldade no começo, mas depois é natural. O bebê já pega e a mãe se sente mais tranquila e sabe como fazer. (M10)

Que não é algo fácil num primeiro momento. É algo que é um pouco dolorido no começo. (M14)

Quando questionadas sobre o uso de fórmulas lácteas, um grupo de mulheres reconhece que estas são recomendadas quando, por diversas razões, o aleitamento materno não ocorre, devendo ser reservado a casos de extrema necessidade.

É um complemento necessário quando não ocorre o aleitamento materno. (M14)

Acho que o uso deve ser só quando de extrema necessidade. (M5)

Acho que muitas mães por não terem conhecimento acabam dando fórmulas por achar que não estão sustentando o bebê, o que muitas vezes é um erro. Por outro lado, há casos que realmente precisam dessa complementação, sendo algo importante. Por isso, a necessidade do acompanhamento médico. (M3)

As mulheres destacam que a busca por conhecimento e aprendizado sobre o aleitamento materno foi o que instigou a participação nos grupos virtuais.

Para aprender mais sobre o assunto. (M2)

Justamente buscar conhecimento. (M13)

Entrei por curiosidade e acabei sanando algumas dúvidas. (M4)

Aprender mais, saber que não sou a única que passou por dificuldades. (M15)

Sempre aprender algo novo, ver outras experiências. (M7)

Buscar sempre mais informações. (M5)

Gosto de saber as experiências de outras mulheres e ajudar com meu conhecimento. (M3)

Gosto da temática e como mãe sempre procuro me inteirar de tudo que possa me ajudar, assim como outras mães. Conhecimento nunca é demais. (M8)

Além do conhecimento, o grupo virtual também possibilita a troca de experiências,

pois se trata de uma oportunidade de compartilhar e ajudar outras mulheres

Discussão

Perfil semelhante ao das participantes foi observado em estudo realizado em um hospital privado de Cascavel, Paraná (PR), que analisou o conhecimento de puérperas internadas em relação ao aleitamento materno, indicando que a maioria era casada (38,3%) e possuía ensino médio completo (48,3%).¹⁰ Outra pesquisa realizada em um hospital público no México, com o objetivo de explorar as experiências e crenças sobre a amamentação exclusiva de mães que chegam a um hospital público, evidenciou que a média de idade destas era de 22 anos, sendo a maioria multíparas, com ensino médio completo, indo ao encontro dos achados deste trabalho.¹¹

As participantes deste estudo sinalizaram que, apesar de terem vivenciado experiências negativas, pretendem amamentar na atual gestação. Ao encontro desse achado, estudo com objetivo de explorar as vivências de nutrízes na realização da amamentação exclusiva evidenciou que elas consideraram a dor um aspecto negativo, mas sendo necessário suportá-la para garantir a nutrição do filho.¹² A respeito disso, pesquisadores esclarecem que, nas primeiras semanas após o parto, é normal que o seio materno apresente certa sensibilidade, entretanto não deve se configurar como dor, gerar fissura ou demais complicações.¹³⁻¹⁴

Nesta investigação, o principal motivo que sustenta a pretensão de amamentar são os benefícios do aleitamento materno para o bebê e a mãe. Nesse sentido, ressalta-se a importância das ações educativas realizadas por profissionais de saúde, principalmente durante o pré-natal, orientando acerca dos benefícios da amamentação.¹⁵⁻¹⁶

Pesquisa realizada em unidades básicas de saúde de Pacatuba, Ceará (CE), que analisou a associação das médias dos escores da *Breastfeeding Self-efficacy Scale* de mulheres no pré-natal e no pós-parto com o tipo de aleitamento materno, constatou a importância da confiança pessoal para continuidade da amamentação. Isso indica que, quanto maior o domínio das práticas e incentivo, maior será a prevalência do AME e complementado.¹⁵

As mulheres expressaram conhecimento sobre o AME e benefícios do mesmo. Corroborando com esses achados, estudo que avaliou o conhecimento, atitudes e práticas de mulheres em relação ao AME revelou que para a maioria das entrevistadas o leite materno garante benefícios para o bebê, como crescimento e desenvolvimento favorável, aumento da

imunidade e da inteligência e fortalecimento do vínculo entre mãe e bebê. Além disso, reconhecem que o AME auxilia na diminuição dos sangramentos pós-parto, anemia e morte materna. Contudo, mesmo apresentando conhecimento acerca dos benefícios, as mulheres não conseguem aplicar na prática o que sabem.¹⁷

Quando questionadas acerca da livre demanda, as participantes demonstraram conhecimento conceitual. Consoante a esse achado, estudo que avaliou o conhecimento de 60 puérperas internadas em um hospital no PR apontou que a maioria delas (78,3%) tinha intenção de amamentar em livre demanda, conhecendo os benefícios dessa prática.¹⁰

Nesta pesquisa, as participantes também demonstraram conhecimento em relação à pega e ao posicionamento correto, como também os benefícios provenientes de uma realização adequada, achados semelhantes aos de outros estudos.^{10;18} Nesse sentido, pesquisa desenvolvida no Alojamento Conjunto de um hospital municipal de Rio das Ostras, Rio de Janeiro (RJ), que investigou o processo de ensino-aprendizagem relacionado ao aleitamento materno de puérperas nutrizes apontou que a atuação das enfermeiras, principalmente no contexto hospitalar, mostra-se importante no que tange ao posicionamento do bebê, à pega e aos cuidados com os mamilos.¹²

Deve-se considerar que existem diversas posições possíveis para amamentar, assim cabe à mulher e ao bebê encontrarem a posição ideal, que seja confortável para permanecer por longos períodos sem prejuízos físicos. Ajustes na pega de forma precoce auxiliam a mãe e a criança a formarem vínculo e vivenciarem a amamentação com mais segurança e tranquilidade.¹⁹

Por outro lado, a posição inadequada pode levar a diversas intercorrências, como esvaziamento insuficiente dos seios, levando a uma baixa produção de leite, traumas mamilares, choro e agitação do bebê e perda da autoconfiança materna. Esse cenário aparece como uma abertura para disseminação de mitos que permeiam o aleitamento materno.²⁰

Quanto ao uso de fórmulas lácteas, as participantes reconhecem seu uso como substituto ao leite materno em casos extremos para manutenção da vida do bebê. No entanto, destaca-se que a necessidade de as utilizar é extremamente baixa, sendo recomendadas em casos de hipoglicemia que não respondem à amamentação, perda de peso superior a 10% do peso ao nascimento, desidratação severa, insuficiência glandular e infecção materna pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV). Ainda nesses casos, há avaliação individual e criteriosa, considerando a possibilidade do consumo de leite humano

proveniente dos bancos de leite certificados.²¹

Durante os primeiros dias de vida do recém-nascido, a mãe produz o colostro que é responsável por atender a todas as necessidades de nutrição, além de outros benefícios, como a maturação intestinal e a proteção imunológica. Entretanto, em muitos casos, de forma errônea, são introduzidas fórmulas lácteas como suplementação para o bebê. Esse evento deixa muitas mães desmotivadas e desencorajadas, que por falta de informação tendem a acreditar que seu leite é insuficiente para o filho.²²

Com relação à fonte de informação sobre o aleitamento materno, evidenciou-se que o conhecimento das participantes é proveniente, concomitantemente, dos serviços de saúde, curso ou grupo de gestantes, família, amigas, grupos virtuais e pesquisas na internet. Estudo realizado no alojamento conjunto de um hospital municipal revelou que as participantes buscam auxílio e informação sobre aleitamento materno na família, principalmente com outras mulheres, suas mães, avós, irmãs, entre outras. No que tange ao profissional da saúde, predominantemente, elas citaram a atuação de enfermeiras, seguidas por fonoaudiólogos, fisioterapeutas e médico pediatra. Já, na busca de informações por pesquisas na internet, o conteúdo acessado partiu principalmente de canais administrados por profissionais da saúde.²³

Outra pesquisa realizada na cidade de Soledad de Graciano Sánchez, no México, que explorou as experiências e crenças sobre a amamentação exclusiva de mães que chegam a um hospital público para consulta nutricional, revelou que a troca de experiências com suas mães e avós proporciona maior conforto durante o processo de amamentação. E, embora as mulheres entrevistadas apontem que o profissional da saúde ofereça informações durante os atendimentos, o mesmo não se mostra suficiente para sustentar a prática cotidiana, as dúvidas que surgem ao longo do aleitamento e a ansiedade diante de situações inéditas.¹¹

Esse meio permite que a mulher, além de expressar seus sentimentos e sentir-se pertencente a um grupo, consiga auxiliar as demais mulheres, formando uma rede de apoio autossustentada. No entanto, há situações em que postagens falsas ou propagandas de fórmulas substitutivas do leite materno são encontradas, o que gera reações divergentes, incluindo críticas à falta de moderação dos administradores e discussões acerca da autoconstrução dos grupos virtuais como espaço democrático.¹⁻²

Suprindo tal lacuna, os grupos virtuais também emergem como uma alternativa para a busca de conhecimento por muitas gestantes, puérperas ou mulheres que tenham

interesse na temática. Contudo, a utilização somente de uma rede social para coleta de dados é apontada como limitação do estudo, uma vez que explorar outras redes permitiria atingir um público maior e heterogêneo em relação ao tema.

Diante desses achados, emerge a importância de os profissionais da saúde interagirem e participarem dos grupos virtuais para contribuir no conhecimento das mulheres. Explorando esse espaço de troca e experiência, eles poderão agir politicamente, orientando a mulher que amamenta sobre seus direitos, bem como discutir sobre os valores e verdades criadas a partir de propagandas do ramo alimentício, conhecimento empírico e campanhas sobre o aleitamento materno.

Conclusão

As mulheres participantes dos grupos virtuais demonstraram conhecimento acerca do aleitamento materno ao conceituar AME e discorrer sobre a livre demanda, o posicionamento e a pega correta, bem como os benefícios do leite materno. Destaca-se que, mesmo após vivências negativas, o principal motivo que sustenta a pretensão de amamentar é o reconhecimento dos benefícios dessa prática para o bebê e a mãe.

Esses achados apontam a necessidade de os profissionais de enfermagem e saúde atuarem precocemente na identificação e manejo de problemas relacionados à amamentação, seja na consulta puerperal, seja na de puericultura, de forma a contorná-los e proporcionar que a amamentação se constitua num momento de trocas positivas para mãe e filho.

A educação em saúde tem sua importância reafirmada pelas participantes ao apontarem que as informações sobre o aleitamento materno foram obtidas predominantemente por meio dos serviços de saúde e estratégias, como curso/grupo de gestantes, seguidos pela família, amigas, grupos virtuais e pesquisas na internet.

De forma complementar, as mulheres citam o potencial dos grupos virtuais hospedados no *Facebook* para a promoção e proteção ao aleitamento materno, uma vez que a participação nos mesmos se deu em busca de conhecimento e aprendizado sobre o tema. Ademais, a troca de experiências e sentimentos positivos favorece o engajamento e desenvolvimento dessa prática.

Referências

1. Morse H, Brown A. Accessing local support online: mothers' experiences of local breastfeeding support Facebook groups. *Matern Child Nutr.* 2021;17(4):e13227. doi: 10.1111/mcn.13227
2. Dalmaso MS, Bonamigo AW. A pesquisa on-line sobre amamentação: entre o senso comum e a OMS na era digital. *RECIIS Rev Eletrônica Comun Inf Inov Saúde.* 2019;13(4):911-21. doi: 10.29397/reciis.v13i4.1635
3. Barros FRB, Lima RFS, Magalhães VMP. Tecnologias desenvolvidas no contexto da saúde da mulher no Brasil: uma revisão integrativa. *Rev Cuid (Bucaramanga).* 2021;12(1):e1159. doi: 10.15649/cuidarte.1159
4. Cabral CS, Cavalcanti DS, Barbosa JM, Vasconcelos ACCP, Vianna RPT. Inserção de um grupo virtual na rede social de apoio ao aleitamento materno exclusivo de mulheres após a alta hospitalar. *Interface.* 2020;24:e190688. doi: 10.1590/Interface.190688
5. Nóbrega VCF, Melo RHV, Diniz ALTM, Vilar RLA. As redes sociais de apoio para o aleitamento materno: uma pesquisa-ação. *Saúde Debate.* 2019;43(121):429-40. doi: 10.1590/0103-1104201912111
6. Silva DD, Schmitt IM, Costa R, Zampieri AFM, Bohn IE, Lima MM. Promoção do aleitamento materno no pré-natal: discurso das gestantes e dos profissionais de saúde. *REME Rev Min Enferm [Internet].* 2018 [acesso em 2020 mar 06];22:e-1103. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1239>
7. Freitag RMK. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniências? *Rev Estud Ling [Internet].* 2018 [acesso em 2020 dez 10];26(2):667-86. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12412>
8. Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev Pesqui Qual [Internet].* 2017 [acesso em 2021 dez 20];5(7):1-12. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>
9. Bardin L. *Análise de conteúdo.* 1ª ed. São Paulo: Edições 70; 2016.
10. Zago MG, Maciel CLZ. Conhecimento acerca da amamentação de puérperas internadas em um hospital particular de Cascavel-PR. *FAG J Health [Internet].* 2020 [acesso em 2020 dez 10];2(3). Disponível em: <https://fjh.fag.edu.br/index.php/fjh/article/view/226>
11. Motas-Castillo PJ, Hernández-Ibarra LE, Pelcastre-Villafuerte BE, Rangel-Flores YY. Experiencias y creencias de 70 madres sobre la lactancia materna exclusiva en una región de México. *J Nurs Health.* 2019;9(1):e199103. doi: 10.15210/JONAH.V9I1.14499
12. Rocha ALA, Góes FGB, Pereira FMV, Moraes JRMM, Barcia LLC, Silva LF. O processo de ensino-aprendizagem de puérperas nutrízes sobre aleitamento materno. *Rev Cuid (Bucaramanga).* 2018;9(2):2165-76. doi: 10.15649/cuidarte.v9i2.510
13. Berens P, Eglash A, Malloy M, Steube AM. Protocolo clínico ABM n.º 26: Dolor persistente con la lactancia materna. *Breastfeeding Med.* 2016;11(2). doi: 10.1089/bfm.2016.29002.pjb
14. Penha JS, Rabêlo PPC, Soares LBC, Simas WLA, Oliveira BLCA, Pinheiro FS. Dor mamária em lactantes: prevalência e fatores associados. *Rev Cuid (Bucaramanga).* 2021;12(2):e1325. doi: 10.15649/cuidarte.1325
15. Uchoa JL, Joventino ES, Javorski M, Almeida PC, Oriá MOB, Ximenes LB. Asociación entre la autoeficacia en el ciclo gestacional puerperal y la clase de lactancia materna. *Aquichan.* 2017;17(1):84-92. doi: 10.5294/aqui.2017.17.1.8
16. Barbosa KIP, Conceição SIO. Fatores sociodemográficos maternos associados ao aleitamento materno exclusivo. *Rev Cuid (Bucaramanga).* 2020;11(1):e811. doi: 10.15649/cuidarte.811
17. Injante Injante MA, Alvarez Diaz GA, Gavilano Bernaola LM, Macera Barriga C. Conocimientos, actitudes y prácticas de lactancia materna de madres que acuden al control pre-natal en un hospital de Ica-Peru. *Rev Méd Panacea.* 2017;6(2):53-9. doi: 10.35563/rmp.v6i2.51

18. Moraes IC, Sena NL, Oliveira HKF, Albuquerque FHS, Rolim KMC, Fernandes HIVM, et al. Percepção sobre a importância do aleitamento materno pelas mães e dificuldades enfrentadas no processo de amamentação. ReferênciA (Coimbra). 2020;V(2):e19065. doi: 10.12707/RIV19065
19. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO). Amamentação. Comissão Nacional Especializada em Aleitamento Materno. Rio de Janeiro: FEBRASGO; 2018. (Série Orientações e Recomendações FEBRASGO; 6).
20. Bortoli CFC, Poplaski JF, Balotin PR. A amamentação na voz de puérperas primíparas. Enferm Foco. 2019;10(3):99-104. doi: 10.21675/2357-707X.2019.v10.n3.1843
21. Mezzavilla RS, Vianna GVB, Lindsay AC, Hasselmann MH. Violência entre parceiros íntimos, oferta de leite materno, substitutos e uso de mamadeiras no primeiro ano de vida. Ciênc Saúde Colet. 2021;26(5):1955-64. doi: 10.1590/1413-81232021265.10012019
22. Guerra Domínguez E, Cueto Montoya JE, Machado Solano AM, Sánchez Hidalgo MR, Valdés Madrigal I. Factores maternos asociados a prácticas alimentarias con lactancia materna exclusiva. Multimed (Granma) [Internet]. 2020 [acceso en 2021 dic 01]; 24(3):616-30. Disponible en: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1028-48182020000300616&lng=es
23. Moon H, Woo K. An integrative review on mothers' experiences of online breastfeeding peer support: motivations, attributes and effects. Matern Child Nutr. 2021;17:e13200. doi: 10.1111/mcn.13200

Fomento / Agradecimento: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Contribuições de autoria

1 – Melissa Hartmann

Autor correspondente

Enfermeira, Residente em Enfermagem - E-mail: hmelissahartmann@gmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito, revisão e aprovação da versão final.

2 – Juliane Portella Ribeiro

Enfermeira, Doutora em Enfermagem - E-mail: ju_ribeiro1985@hotmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito, revisão e aprovação da versão final.

Editora Científica Chefe: Cristiane Cardoso de Paula

Editora Associada: Graciela Dutra Sehnem

Como citar este artigo

Hartmann M, Ribeiro JP. Knowledge about breastfeeding among women who participate in virtual groups hosted on Facebook. Rev. Enferm. UFSM. 2022 [Cited: Year Month Day]; vol.12 e20: 1-14. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179769267786>